



Curitiba, verão de 2016.

Quando me foi sugerida a abertura de um curso de Iniciação Científica sobre Oriente Médio no Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) várias dúvidas passaram pela minha cabeça: a primeira, mais imediata era sobre a possibilidade de aprovação do projeto. O UNICURITIBA é uma faculdade cujo carro-chefe indubitavelmente é o curso de Direito, considerado um dos melhores do país tendo formado juízes, desembargadores e com alto índice de aprovação na prova da Ordem dos Advogados do Brasil. Como reflexo disso, seus cursos de extensão e pós graduação também são dominadas pelos professores desta área que geralmente abrem cursos das disciplinas ditas dogmáticas do Direito. Eu, vindo das Ciências Humanas, que nunca fiz outro curso que não o de História temia portanto que uma Iniciação Científica denominada “Conflitos no Oriente Médio, África e Ásia Central” fosse considerada “exótica” demais para os avaliadores. A bem da verdade, tal curso talvez fosse considerado exótico até em um departamento de História, ainda tão eurocêntrico e que ainda resiste a já não tão nova assim História do Tempo Presente. Para minha surpresa, o projeto foi aprovado, e segundo me foi relatado membros da comissão avaliadora até se disseram curiosos e com vontade de fazer o curso para tentar entender o tal Oriente Médio, esse “barril de pólvora” (um dos clichês mais surrados sobre a região), essa região sempre associada a palavras como conflito, bombas, fanatismo e morte.

Uma vez aprovado o projeto, passei a segunda expectativa: haveria inscritos? Será que o interesse demonstrado pelos meus alunos na disciplina de História do Oriente Médio se traduziria na inscrição para mais uma disciplina sobre o tema? Será que os alunos que já tem tantas disciplinas as quais se preocupar se disponibilizariam para mais um compromisso com a faculdade? Para minha absoluta surpresa o número de inscritos foi recorde e precisei da ajuda

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil



da minha monitora Ana Caroline Moreno para dar conta de entrevistar todos os candidatos. Desde o principio estabeleci que houvesse uma entrevista e uma prova escrita como forma de seleção. Era necessário separar aqueles que realmente gostavam do Oriente Médio e queriam estudá-lo mais a fundo dos simples curiosos ou ainda daqueles buscando apenas atingir o número de horas complementares necessários para a conclusão da graduação.

O processo de seleção foi difícilimo, mas olhando hoje em retrospecto, penso que não poderia ter sido mais feliz na escolha. Realmente entraram os melhores, e estes não decepcionaram em nenhum momento. Nessa edição da Revista Litteris tenho a honra de apresentá-los aos leitores.

O artigo de Adonay Góes Tinoco intitulado “Os Impactos Políticos e Sociais do Hamas na Palestina e em Israel (1987-2014)”, traz como grande trunfo uma análise política das relações internas do movimento palestino, com suas contradições e conflitos. Geralmente tanto na História quanto nas Relações Internacionais, a abordagem mais comum sobre os palestinos parte da ótica da Segurança Internacional (ou seja, como “deter” ou “derrotar” o Hamas), e não como compreendê-lo. Adonay faz uma abordagem sóbria e perspicaz do tema buscando as origens históricas do Hamas na Irmandade Muçulmana, analisando suas relações com o movimento secular Fatah e desconstruindo mitos sobre o fanatismo do Hamas ao demonstrar que, uma vez no poder o grupo teve que fazer escolhas pragmáticas e que assim tem se comportado já há muitos anos, embora sua imagem na mídia ocidental permaneça inalterada.

Devlin Tavares Biezus nos apresenta um tema muito caro as Relações Internacionais que é a questão dos Estados Falidos. Em seu artigo “Entre Impérios e Tribos: a Derrocada do Afeganistão a um Estado Falido”, a autora inicialmente dialoga com o conceito de Estado como compreendido por Weber e Hobbes em seguida fazendo a ligação com o conceito de Nação e Nacionalismo de Hobsbawm, prepara o terreno para a diferenciação entre Estado Fraco e Estado Falido, sendo este último marcado não só pela ausência do Estado na vida de seus cidadãos causada pela incompetência administrativa por exemplo, mas quando as instituições não só não funcionam a contento, mas simplesmente deixam de existir e temos grupos distintos lutando pelo poder. A Somália é um exemplo clássico, mas o Afeganistão não foge a regra. Devlin defende muito bem a ideia de que o Afeganistão, por ser originalmente um

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil



Estado-Tampão, criado no contexto do Grande Jogo entre Rússia e Grã-Bretanha no século XIX para separar a Rússia da Índia sofre dos mesmos problemas das ex-colônias africanas por exemplo: fronteiras demarcadas arbitrariamente, tribos inimigas forçadas a conviver em um mesmo território baseado num conceito absolutamente alienígena para os nativos, enfim o grande pecado original do Afeganistão seria o fato de ter sido imposto a aquele povo um modelo de Estado europeu totalmente estranho a cultura e diria até mesmo aos interesses da população afegã.

O artigo de Felício Tamburi Netto seria o texto de cunho mais teórico desta coletânea. Dono de uma escrita elegante, o autor de “A Função do Islã no Estado Moderno e o Exemplo da Revolução Tunisiana” discorre, sob o pano de fundo da chamada “Primavera Árabe”, os debates internos dentro do mundo árabe-muçulmano sobre seu papel na modernidade utilizando-se do conceito de Orientalismo de Edward Said, compartilhado por autores como Boaventura de Sousa Santos mas trazendo inclusive a crítica ao consagrado modelo de Said por Mignolo e Sardar. O grande mérito do trabalho de Felício é trazer a tona a discussão sobre a aplicabilidade da Sharia e da relação entre Religião e Estado no século XXI, não partindo de autores ocidentais para os quais esta sequer é uma discussão, ou quando o é seria apenas para evidenciar o “atraso” do mundo muçulmano, mas de acadêmicos muçulmanos que buscam soluções para este desafio. Como exemplo de caso temos a polêmica discussão sobre a universalidade do conceito de Direitos Humanos. O Islã precisa de uma Reforma ao estilo ocidental, como pregavam vários intelectuais conservadores logo após os atentados de 11 de setembro? Ou ele já possui em seu arcabouço jurídico próprio uma noção de Direitos Humanos própria de sua crença? São questões muito interessantes que o autor coloca em seu texto.

Fernando Domingues foi o único aluno aprovado na Iniciação Científica que era oriundo do curso de Direito e isso ficará bem claro para o leitor. Ter alguém com uma outra visão sobre os temas discutidos sempre enriqueceu muito as nossas discussões. Fernando trata em seu artigo “O Direito Penal do Inimigo e a Islamofobia nos Estados Unidos após o 11 de setembro de 2001” do conceito de Direito Penal do Inimigo do jurista alemão Gunther Jakobs, fazendo uma relação com o *Homeland Security Act* de George W. Bush no pós 11/09.. No entanto, ao

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil



contrário de outras análises centradas nas limitações as liberdades individuais dos cidadãos norte-americanos e a discussão de até onde o Estado pode interferir na vida privada do cidadão ou até mesmo se o governo Bush não estaria se aproveitando do clima de pânico criado pelos atentados para criar um estado de características autoritárias, Fernando centra sua análise nas principais vítimas da Guerra ao Terror : os muçulmanos. Partindo das leis de exceção, o autor traz relatos pungentes sobre as masmorras de Guantánamo e Abu Ghraib e a gradual desumanização dos prisioneiros, culpados ou não, cujos maus tratos se tornaram mundialmente conhecidos, dos quais é impossível sair indiferente a cada vez que revisitamos este tema.

Guilherme Cipolla por sua vez, traz um artigo oriundo de sua Monografia de Conclusão de Curso intitulado “Iraque: a Derrocada de um Estado Inventado: Entre o Mandato Britânico e a Monarquia Hachemita” que trata da construção do estado iraquiano sob a égide do colonialismo britânico. Guilherme busca nos primórdios do século XX, as origens de uma série de problemas que afetam o Iraque atual, como a questão curda, o estímulo britânico a rivalidade entre sunitas e xiitas e a própria construção de um estado artificial, cujas fronteiras foram desenhadas tendo em mente a passagem de oleodutos e não a estabilidade interna. O autor analisa com propriedade toda a interferência britânica no tecido social iraquiano nas décadas de 1920 e 30 até a independência e as aspirações por melhorias econômicas e de infraestrutura no país por meio da nacionalização do petróleo e os golpes e contragolpes que se sucederam em plena efervescência do pan-arabismo, da Guerra Fria e dos conflitos árabe-israelenses. O autor é extremamente bem-sucedido em demonstrar que além do autoritarismo e da brutalidade de Saddam Hussein que colocou o país em guerra contra países como Irã, Kuwait e EUA, de forma sucessiva e quase ininterrupta, as raízes dos problemas enfrentados pelos iraquianos estão em decisões tomadas (nem sempre por eles) há quase um século atrás.

O artigo de Juliana Breda com o questionamento “A Evolução da Resistência pode Significar a Saída da Muralha de Ferro e a Retomada dos Diálogos?” é um aprofundamento de algumas questões já colocadas em sua monografia de conclusão de curso sobre o *lobby* israelense em Washington. Em sua original análise, a autora após dissertar sobre o impacto da criação de Israel para o povo palestino e todo o histórico de conflitos entre nações da região e em

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil



seguida com os palestinos assumindo a luta por meio da guerra de guerrilha e do terrorismo, traz a baila um debate atualíssimo: o esgotamento do modelo de luta armada/terrorismo do Hamas e a busca de alternativas de luta contra o impasse nas negociações por meio dos BDS (Boicote, Desinvestimentos e Sanções, na sigla em português). Os boicotes miram não Israel enquanto país, mas a produtos que são frutos da exploração de terras palestinas ocupadas por Israel, enquanto o desinvestimento estaria direcionado às empresas que são parceiras em empreendimentos nos territórios ocupados e as sanções a chamar a atenção da opinião pública mundial ao fato de que hoje o Estado de Israel desobedece a dezenas de Resoluções da ONU, viola direitos humanos e que tais fatos não podem ser ignorados quando outros países recentemente sofreram até invasões militares com base nas mesmas acusações. Tal tática, que visa envolver setores da sociedade civil dos dois lados do conflito tem sido muito bem sucedida e fortalecida por resoluções da ONU que admitiram a Palestina como membro-observador em 2012 e membro do Tribunal Penal Internacional em 2015.

Mariana Benzoni com “A Fome como Arma de Guerra: a Resolução 687 e a Degradação Social do Iraque Pós Guerra do Golfo” traz até nós uma discussão pouco abordada até mesmo nas Relações Internacionais : o embargo da ONU ao Iraque em 1991 e suas consequências para a população civil local. As sanções ao Iraque alegadamente visavam desarmar o país e evitar que Saddam Hussein cometesse novamente atos de agressão contra os seus vizinhos. No entanto, a lista de produtos os quais o Iraque ficou impedido de importar era tão abrangente que acabou afetando sobretudo a população civil, que perdeu acesso a itens básicos de higiene como sabonetes e xampus, e também medicamentos, alimentos e principalmente cloro. A água não tratada foi a principal causa de mortalidade infantil no Iraque na década de 1990. Ficou tristemente famosa a frase da secretária de Estado do governo Clinton, Madeleine Albright que afirmou que a morte de milhares de crianças “valeria a pena” no objetivo de manter o Iraque neutralizado. Tal embargo não levou a uma revolta popular que derrubasse Saddam como queriam os estrategistas norte-americanos, mas apenas enfraqueceu o país para que este sofresse novo ataque norte-americano já dentro do contexto da Guerra ao Terror de George W. Bush.

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil



Em “Os Serviços Secretos Israelenses: os Olhos Invisíveis da Muralha de Ferro”, de Tatiana Bettega, a autora trata das origens do Shin Bet e do Mossad, sua forma de atuação por meio de informantes e infiltrados e suas ações dentro (Shin Bet) e fora (Mossad) do país. Tatiana demonstra em seu estudo que a história dos serviços secretos de Israel se confunde com a história do próprio país, desde os tempos do Irgun e da Gangue Stern, a troca de informações com outras agências como o M 16 e a CIA, o auge da popularidade nas décadas que se seguiram a independência até os primeiros reveses com as falhas da inteligência israelense em detectar o ataque sírio-egípcio que daria início a Guerra do Yom Kippur em 1973. O Shin Bet, a partir da Guerra dos Seis Dias viu-se diante de uma tarefa muito maior do que se poderia propor que era a espionagem, obtenção de informações sensíveis e captura vivendo no meio de mais de um milhão de palestinos sob ocupação militar. Já o Mossad ganhou *status* lendário de um Serviço Secreto praticamente infalível, mito também desconstruído por Tatiana, que nos lembra que o futuro dessas instituições está intimamente ligado às políticas israelenses em relação aos palestinos e que estes só sobrevivem como fundamentais à segurança israelense porque assim o querem seus governos. Se eventualmente um líder israelense abandonar a mentalidade de cerco que predomina desde a criação de Israel e buscar o diálogo ou mesmo o abrandamento de suas políticas as ideias fundadoras por detrás de tais agências terão que ser repensadas.

Por fim, gostaria em nome também dos meus alunos agradecer a duas pessoas que foram fundamentais para o sucesso deste curso de Iniciação Científica: as professoras Liziane Hobmeir, do Núcleo de Pesquisa e Extensão Acadêmica da UNICURITIBA, que nunca nos faltou com seu apoio e nos proporcionou todas as condições para que pudéssemos desenvolver este trabalho e Muna Omran da Revista Litteris que prontamente se ofereceu para publicar os artigos que são o resultado desta Iniciação, o que serve como grande estímulo não só para os alunos desta turma, mas para os estudos de Oriente Médio no Brasil de maneira geral.

Andrew Traumann

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil



Professor de História das Relações Internacionais do UNICURITIBA, Mestre em História Política pela UNESP e Doutor em História, Cultura e Poder pela UFPR.

REVISTA LITTERIS

N. 16

ISSN: 19837429

Dossiê Oriente Médio A Partir do Brasil